

Trabalhos Científicos

Título: Perfil De Crianças E Adolescentes Com Variabilidade De Gênero Em Ambulatório Especializado

Autores: Introdução: A transgeneridade não é uma patologia ou distúrbio, mas uma condição que faz parte da diversidade humana, caracterizada como identidade de gênero diferente do atribuído ao nascimento pela aparência da genitália externa. No Brasil, um estudo conduzido em 2021 com amostra representativa da população adulta brasileira identificou que pessoas transgênero representam 0,67% da amostra, e não binárias 1,19%, porém não há dados da proporção de crianças e adolescentes. Diversos estudos encontram grande prevalência de sofrimento mental nesta população. Objetivos: Avaliar o perfil de crianças e adolescentes em acompanhamento em ambulatório especializado em diversidade de gênero em relação a identidade de gênero, idade de início de bloqueio puberal e hormonização, co-ocorrências psiquiátricas e efeitos adversos das medicações. Metodologia: Revisão de prontuários de pacientes que estiveram em consulta com a equipe de endocrinologia pediátrica entre março de 2023 a março de 2025. Resultados: Em 4 anos de funcionamento do ambulatório foram atendidos em torno de 250 pacientes, e pela equipe de endocrinologia, 103 pacientes no período do estudo. Destes 103 pacientes, a idade média de início do acompanhamento foi de 16 anos, 47 se identificam como homens trans, 53 como mulheres trans, 1 como travesti e 2 não binários. O bloqueio puberal foi feito em 10 adolescentes, iniciado entre 9 e 14 anos e a hormonização teve início em média aos 16 anos, em 80 pacientes. Foi identificada prevalência de 58% de co-ocorrências psiquiátricas, como ansiedade e depressão, além de 81% de disforia, 15% de tentativa de autoextermínio (TAE) prévia, 18% de automutilação e 19% de ideação suicida no período do atendimento. Dados coletados nos primeiros 2 anos de ambulatório, entre 2020 e 2022, encontraram 47% de incidência de TAE. A alta prevalência de automutilação e TAE encontrada é compatível com outros estudos com essa população, como Tordoff, 2022, que identificou uma melhora significativa com as intervenções de hormonização e/ou bloqueio puberal. Seguindo a legislação, a hormonização foi iniciada aos 16 anos. Em 24 pacientes (23,3%) foi identificada auto-hormonização prévio ao acompanhamento no ambulatório, o mais jovem iniciado aos 12 anos. Nestes casos é realizada avaliação de efeitos adversos, e orientada a suspensão. Entre os pacientes que aderiram ao protocolo de bloqueio e hormonização, não foram identificados efeitos adversos graves e entre os pacientes auto-hormonizados, foram identificados alteração da função hepática, aumento de hematócrito, além de sintomas inespecíficos como vômito e mal-estar gastrointestinal. Conclusão: Ambulatórios de acolhimento a crianças e adolescentes em diversidade de gênero são essenciais para melhoria da saúde dessa população já vulnerável e que sofre com barreiras ao acesso. São necessários mais estudos com a população pediátrica para a implementação de políticas públicas adequadas para a faixa etária.

Resumo: JÚLIA TORRES AMARO (HOSPITAL INFANTIL JOÃO PAULO II), JULIA DE OLIVEIRA CASTRO (HOSPITAL INFANTIL JOÃO PAULO II), CRISTIANO TÚLIO MACIEL ALBUQUERQUE (HOSPITAL INFANTIL JOÃO PAULO II), IZABELLA DA SILVA MENDES BARTOLINI (HOSPITAL INFANTIL JOÃO PAULO II), LUIZA LINS KHOURY (HOSPITAL INFANTIL JOÃO PAULO II)